

A ESTRATÉGIA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL – UMA PERSPECTIVA DA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA EM ACORDOS BILATERAIS DE LIVRE COMÉRCIO

Luís Felipe Maldaner
Diretor de Participações e Inovação do BADESUL-RS

CIC – CAXIAS DO SUL
REUNIÃO-ALMOÇO
16 DE SETEMBRO DE 2013.

AGENDA

PREMISSAS

- 1 – O CASO BRASILEIRO
 - 2 – BRASIL: QUAL É A ESTRATÉGIA?
 - 3 – POLÍTICA DE COMÉRCIO EXTERIOR E SUA FORMULAÇÃO
 - 4 – O BRASIL E O MERCOSUL
 - 5 – ACORDOS COMERCIAIS – CENÁRIO ATUAL
- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Premissas que nortearam a pesquisa

- O comércio exterior é fonte de riqueza para as nações (Adam Smith – 1776)
- As nações que fazem uso das vantagens comparativas no comércio externo tem vantagens (David Ricardo-1818);
- A exportação de commodities não distribui riqueza (Faleiros 2011);
- A exportação de manufaturados é fundamental para a riqueza das nações (o caso da Coréia do Sul);

1 – O CASO BRASILEIRO

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES

QUALIDADE

MANUFATURADOS



Brasil perde participação no comércio mundial
Por conta da crise europeia, as vendas brasileiras ao mundo sofreram uma contração de 5% no ano passado

Exportações gaúchas caem 7,2% no trimestre

Para Fiergs, resultado até agora é decepcionante

Porto Alegre - As exportações do Rio Grande do Sul recuaram 7,2% no acumulado de janeiro a março, em comparação com o mesmo período de 2012, e somaram US\$ 3,5 bilhões. O desempenho negativo do Estado foi impulsionado pela queda de 13% do setor industrial gaúcho, uma desaceleração bem mais acentuada do que a média nacional (-9,9%). Os embarques fabris atingiram US\$ 2,9 bi-

lhões. Já as vendas externas de produtos básicos registraram forte elevação de 34,5% (total de US\$ 553 milhões). “Os graves problemas de competitividade da nossa economia estão evidenciados na balança comercial e, mesmo com a recuperação das exportações de produtos primários, a indústria não consegue apresentar uma retomada consistente neste início de ano, resultando num primeiro trimestre bas-



ANÁLISE: Heitor José Müller

tante decepcionante”, afirmou o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Heitor José Müller.

Estados Unidos lideram compras

No que se refere aos destinos, os Estados Unidos garantiram o primeiro lugar ao receberem 9,6% dos produtos gaúchos enviados ao exterior no acumulado do ano, principalmente milho em grão e hidrocarbonetos. Na segunda posição, a Argentina respondeu por 9,5% de tudo que o Rio Grande do Sul vendeu, apesar de ter diminuído os seus pedidos em 17%, na comparação.

Apelo por um choque de competitividade

As retrações ocorreram em 12 dos 25 segmentos industriais. Quatro deles foram determinantes para o resultado restritivo devido a sua elevada participação (44%) na pauta das exportações gaúchas: Máquinas e Equipamentos (-44,2%), Produtos Alimentícios (-24,3%), Tabaco (-21,1%) e Produtos Químicos (-6,7%). “Os principais setores econô-

micos sofrem por causa da menor demanda externa, do câmbio ainda valorizado e elevada concorrência internacional. A economia brasileira precisa de um choque de competitividade. Os custos têm crescido em todos os segmentos, o que impossibilita para essas indústrias manter a sua fatia de mercado no exterior”, comentou Müller.

Em quarto lugar

O Rio Grande do Sul foi o quarto Estado que mais exportou no primeiro trimestre de 2013, em relação ao mesmo período do ano passado, respondendo por 6,9% da pauta brasileira. A primeira posição ficou com São Paulo (24,5%), seguido por Minas Gerais (14,7%) e Rio de Janeiro (10,1%). Nessa base de comparação, as importações totais do Estado cresceram 35%, totalizando US\$ 3,6 bilhões. O saldo da balança comercial fechou negativo em US\$ 114 milhões.

Março

Quando apenas março é analisado, as exportações gaúchas somam US\$ 1,41 bilhão, um crescimento de 0,6% ante o mesmo mês de 2012. O desempenho positivo foi puxado pelos produtos básicos, cujas vendas aumentaram 66%. Já os embarques do setor industrial, que responderam por 81% do total do Estado, caíram 7,1%.

Jornal do Comércio - Porto Alegre

4

Economia

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

América Latina diminui as importações do Brasil

Segundo a CNI, de 2008 a 2011, País perdeu US\$ 5,4 bi em vendas

Além de importar muito, o Brasil perde exportações para seus tradicionais compradores da América Latina, que nos últimos cinco anos fizeram acordos com diversos blocos econômicos, inclusive os Estados Unidos e a União Europeia (UE).

De acordo com dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), desde o início da crise internacional, em 2008, até 2011, o País perdeu US\$ 5,4 bilhões em vendas para Argentina, México, Peru, Colômbia, Chile, Equador, Venezuela, Paraguai e Bolívia. As compras foram direcionadas para China, Estados Unidos, União Europeia e México.

Os acordos feitos pelo Chile envolvem 62 países, incluindo os 27 da UE. Os da Colômbia envolvem 60 países, os do Peru, 52, os do México, 50, e os do Brasil, apenas 22, a maioria de pouca expressão comercial, como Israel, Egito, Palestina e a União Aduaneira do Sul da África (Sacu). Os três últimos ainda

nem entraram em vigor.

Soraya Rosar, gerente executiva da Unidade de Negociações Internacionais da CNI, afirma que, tradicionalmente, a postura do empresariado brasileiro era mais defensiva, de resguardo ao mercado doméstico para a indústria local. Isso mudou com a perda da competitividade local e com a onda de acordos deflagrados pelos demais países, que colocam o Brasil no isolamento.

"A CNI entende que a perda de competitividade da indústria brasileira e a queda nas exportações de semi e manufaturados sinalizam que o Brasil precisa dar mais atenção às negociações internacionais", diz a gerente da CNI. "O País corre o risco de perder mais espaço em seus mercados exportadores se não entrar no jogo mundial e buscar novas parcerias no comércio internacional." Soraya reconhece, contudo, que acordos comerciais em si não resolvem o problema se o País não melhorar suas con-

dições de competitividade.

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, também favorável aos acordos internacionais, ressalta que a falta de competitividade e a baixa produtividade da indústria brasileira em geral vão exigir um período de transição para adequação dos setores.

A entidade tem o desafio de exportar 1 milhão de veículos até 2017. Há sete anos, o setor exportava 900 mil veículos, mas, desde então, os números despencaram. Em 2012, foram 442 mil unidades e, neste ano, não devem passar de 420 mil. Segundo Moan, a Anfavea entregou ao governo suas propostas para a negociação do acordo do Mercosul com a UE e pede que o setor seja tratado como "sensível".

Apesar do apoio de grandes entidades, a defesa dos acordos comerciais não é consenso em toda a indústria. Uma parte teme a abertura comercial desenfra-



Argentina foi um dos compradores

da, como ocorreu no passado. "A tarefa é difícil, vai exigir determinação e visão de longo prazo, mas não podemos mais perder tempo, pois nosso atraso é federal", diz Julio Gomes de Almeida, ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. Ele lembra que as cadeias globais de setores como eletrônico, farmacêutico e tecnologia da informação "nem passaram perto do Brasil".

O presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, ressalta que o momento é bastante complicado para as negociações. "O mundo passa por um momento de crise, e todos

ECONÔMICO
Valor

Imprimir

27/05/2013 - 00:00

Aliança do Pacífico preocupa no Brasil

Por Sergio Leo

Vista como ameaça ao Mercosul, por sua capacidade de criar uma zona de livre comércio entre México, Peru, Colômbia e Chile, com uma população equivalente a do Brasil e 33% do comércio da região, a Aliança do Pacífico é, por enquanto, um projeto, ainda que em avançada negociação, apoiado por entusiasmada declaração de intenções de engajados chefes de Estado. E já assusta os empresários brasileiros. Eles veem na iniciativa aspectos que faltam na política comercial brasileira. Enquanto o Mercosul empaca em uma agenda de acesso a mercados típica do século passado, andinos e o México buscam seu lugar nas cadeias globais de produção.

Reunidos nesta semana em Cali, na Colômbia, os chefes de Estado dos quatro aliados comemoraram a entrada da Costa Rica na aliança e a adesão, como observadores, de sete novos países (entre eles o Paraguai, que se soma ao Uruguai, já observador). Também festejaram um acordo para dispensa de visto nas viagens entre eles - algo que o Brasil pode se vangloriar de já ter com todos. Anunciaram também um acordo que reduzirá a 90% as tarifas de importação entre si, num primeiro momento, com prazo "razoável" para liberar os 10% restantes - mas falta ainda negociar os detalhes. O prazo para o acordo, já adiado uma vez, é 30 de junho.

"Nossa preocupação é que não está em pauta, não se vê pronunciamento de nenhum dos ministérios no Brasil sobre o que acontece na Aliança do Pacífico, algo que ainda não reconhecemos", desabafa o presidente do Centro Empresarial da América Latina (CEAL), Ingo Plöger. Ele e outros executivos brasileiros voltaram do último Fórum Econômico Mundial na América Latina impressionados com o entusiasmo dos empresários dos quatro países da Aliança. "Há uma dinâmica incrível, vontade política dos governantes e participação dos empresários", descreve.

Brasil vê outros países conquistarem competitividade

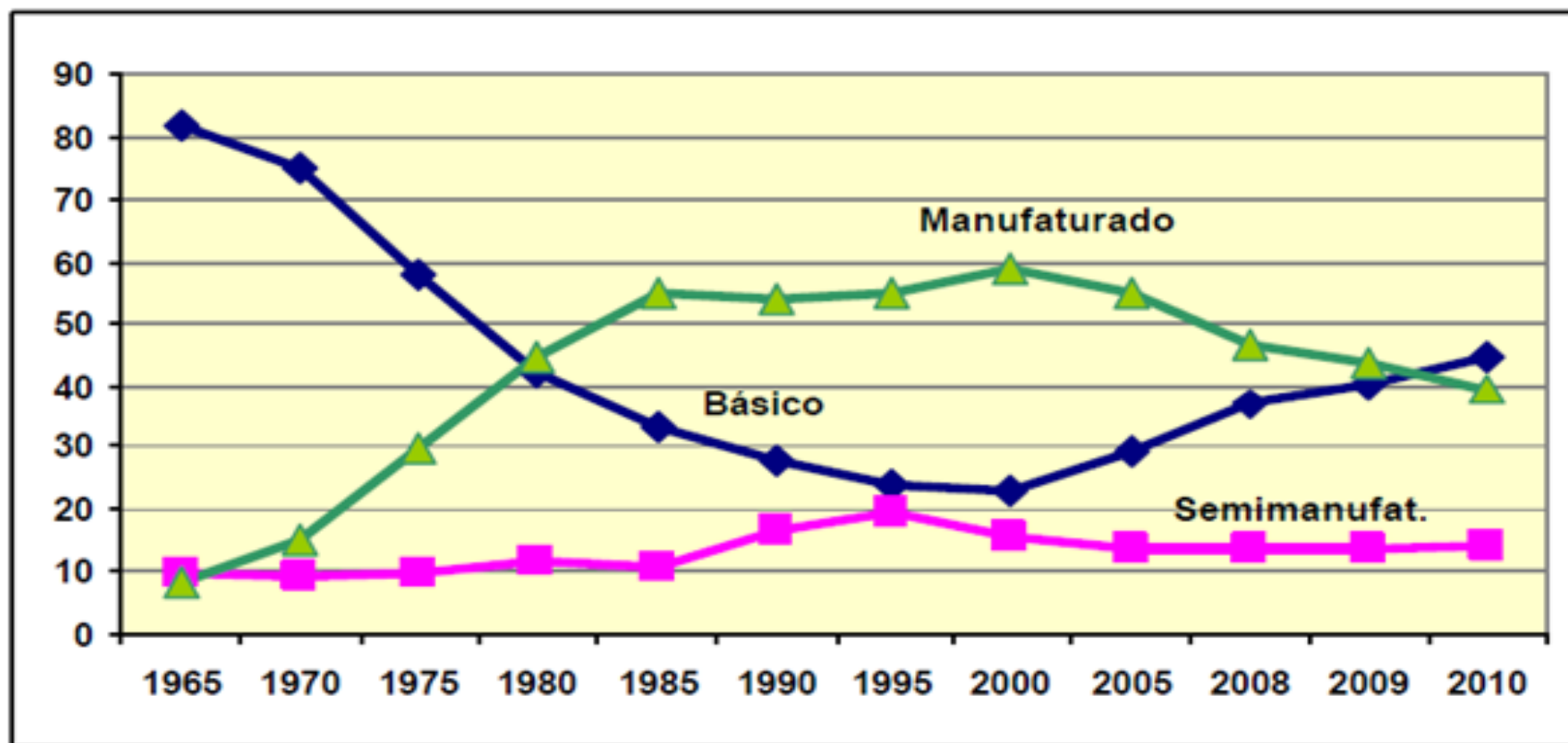
Diferentemente do modelo da Organização Mundial do Comércio (OMC), as negociações da Aliança para o Pacífico têm maior senso de urgência: os acordos são assinados à medida que ficam prontos, sem esperar conclusão em todos os temas. Há 17 grupos de trabalho, com objetivos bem além do corte de taxas de importação. Discutem reconhecimento mútuo de certificações sanitárias e até propostas de liberalização de serviços em medicina, com permissão de atuação dos médicos de um país no outro.

Para Plöger, a falta de iniciativas no Mercosul capazes de polarizar as atenções como a Aliança do Pacífico mostra que o Brasil perde liderança nesse campo, e vacila na criação de uma agenda capaz de ampliar a ação das empresas brasileiras na região. Ele dá como exemplo a falta de acordos de bitributação com relevantes países sul-americanos, que obriga empresas brasileiras a criar holdings no

O BRASIL E O COMÉRCIO EXTERIOR

- Brasil é fundador e membro efetivo do MERCOSUL, e como tal não pode assinar TLC isoladamente;
- Brasil é membro da OMC e sua estratégia, fora do MERCOSUL é seguir o multilateralismo, esperando o resultado da Rodada de Doha;
- Mais de 400 acordos preferencias entraram em força em 2012, e grande parte desses são acordos bilaterais de livre comércio;
- Brasil tem incrementado a exportação de commodities;

Exportação Brasileira – tipos de produtos = 1965 a 2010



Legend: ▲ Manufactured product ◆ Basic product ■ Semi manufactured product

Source: Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) 2011, with data from MDIC/SECEX

EXPORTAÇÃO POR FATOR AGREGADO % - 1970 a 2012

ANOS	BASICOS	SEMIMANUFAT	MANUFATUR.	OPERAÇ. ESP.
1970	74,83	9,10	15,19	0,88
1975	57,98	9,79	29,81	2,42
1978	47,22	11,22	40,15	1,41
1980	42,16	11,67	44,84	1,33
1985	33,30	10,76	54,85	1,09
1990	26,84	15,96	55,99	1,21
1995	22,61	20,57	55,49	1,33
2000	22,79	15,42	59,07	2,72
2001	26,33	14,14	56,54	2,98
2002	28,06	14,83	54,71	2,39
2003	28,94	14,95	54,32	1,79
2004	29,51	13,89	54,96	1,63
2005	29,30	13,47	55,14	2,09
2006	29,23	14,17	54,44	2,16
2007	32,12	13,57	52,25	2,06
2008	36,89	13,68	46,82	2,61
2009	40,50	13,40	44,02	2,08
2010	44,58	13,97	39,40	2,05
2011	47,83	14,07	36,05	2,05
2012*	45,45	13,93	38,38	2,24

Fonte: AEB, 2013, dados do MDIC/SECEX

IMPORTAÇÕES POR FATOR AGREGADO - %

ANOS	BÁSICOS	SEMIMANUFAT.	MANUFATURA.
1995	16,34	3,48	80,16
1996	17,77	3,08	79,15
1997	14,71	2,92	82,37
1998	12,79	2,96	84,25
1999	12,37	3,17	84,46
2000	13,07	3,76	83,17
2001	12,19	3,41	84,40
2002	14,60	3,56	81,84
2003	16,89	3,99	79,11
2004	18,62	4,49	76,89
2005	18,59	4,31	77,11
2006	18,83	4,71	76,45
2007	18,05	4,69	77,26
2008	18,38	5,13	76,49
2009	14,71	4,00	81,29
2010	13,10	3,91	82,99
2011	14,19	4,15	81,66
2012*	14,00	4,00	82,00

Fonte: AEB, 2013, com dados do MDIC/SECEX.

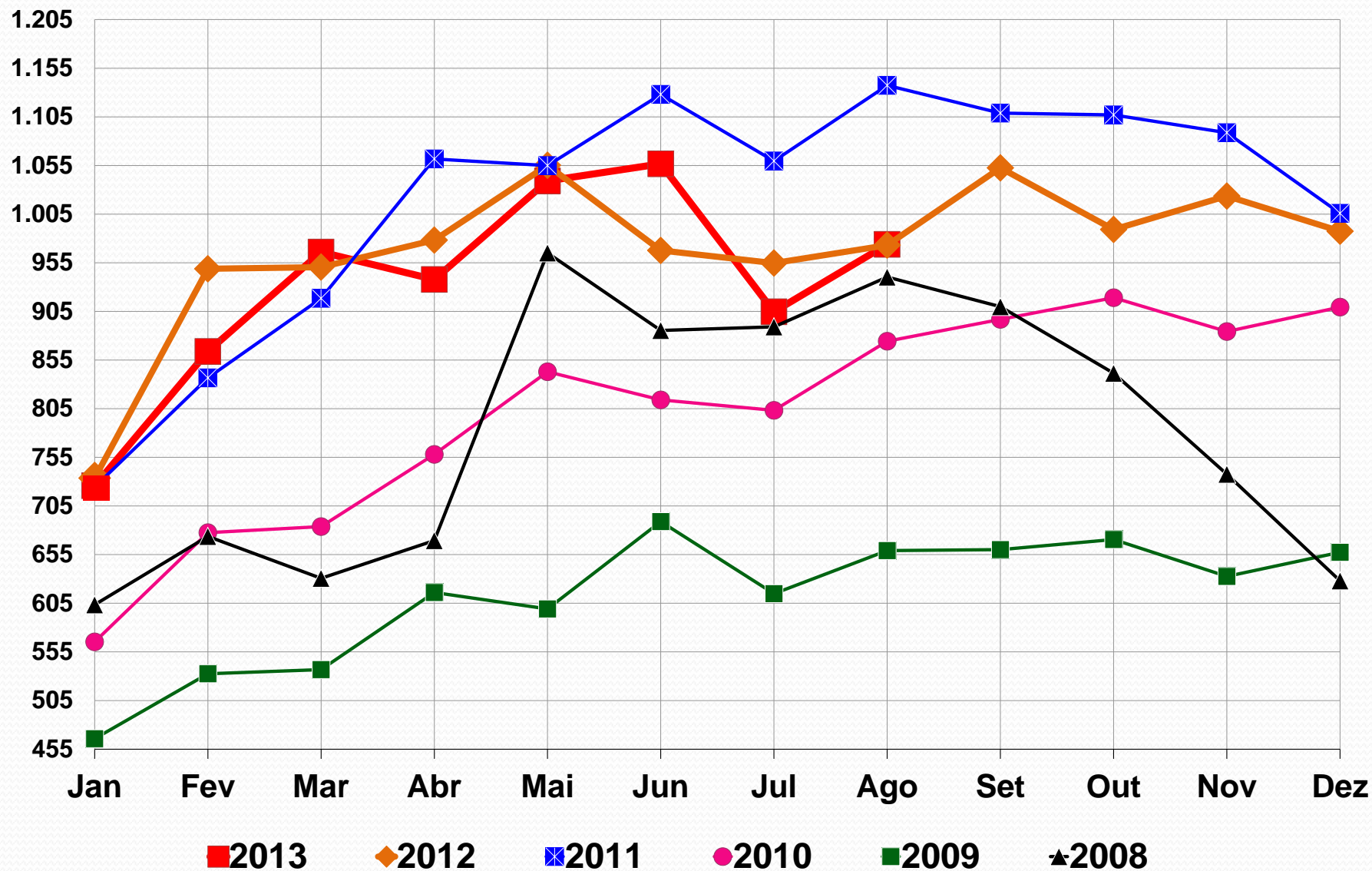
VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS, POR PAÍS - US\$ BILHÕES

1950	1950	1970	1980	1990	2004	2006	2007	2008	2009	2010	2011*
China	0,6	2,3	18	62	593	969	1220	1431	1202	1578	1880
EUA	10,3	43,2	225	393	815	1026	1148	1287	1056	1278	1550
Alemanha	2,0	34,2	193	421	910	1108	1321	1446	1126	1269	1460
Japão	0,8	19,3	130	287	566	647	714	781	581	770	750
Holanda	1,6	13,3	74	132	357	464	551	638	498	572	620
França	3,1	18,1	116	217	452	496	559	616	484	520	570
Coréia	0,0	0,8	18	65	254	325	371	422	363	466	554
Itália	1,2	13,2	78	170	354	417	500	543	406	448	460
Bélgica	1,6	11,6	65	118	307	367	431	472	370	411	430
Reino Un.	6,3	19,4	110	185	347	449	439	460	353	405	420
HongKong	0,6	2,5	20	82	265	322	349	370	329	401	470
Rússia	1,8**	12,8**	76**	82**	183	303	355	472	303	400	530
Canadá	3,0	16,8	68	128	317	388	421	456	317	388	410
Singapura	1,0	1,5	19	53	198	271	299	338	269	351	400
México	0,5	1,4	18	41	188	250	272	291	230	298	370
Taiwan	0,1	1,4	20	67	182	224	246	255	203	274	330
Arábia Sd	0,3	2,4	109	44	126	211	235	313	192	250	340
Espanha	0,4	2,4	21	56	183	214	253	281	218	245	230
Índia	1,1	2,0	9	18	76	122	150	195	163	220	315
Emir. Arab	0,0	0,5	22	23	91	145	178	239	185	220	260
Brasil	1,4	2,7	20	31	96	138	161	198	153	202	256
África Sul	1,1	3,3	25	23	46	58	70	81	62	82	90
Argentina	1,2	1,8	8	12	35	47	56	70	56	68	80
Demais	22,0	90,1	572	738	2277	3152	3702	4461	3371	4120	3225
Mundo	62	317	2034	3448	9218	12113	14001	16116	12490	15238	16000

Fonte: OMC Elaboração: AEB **URSS *Estimativa

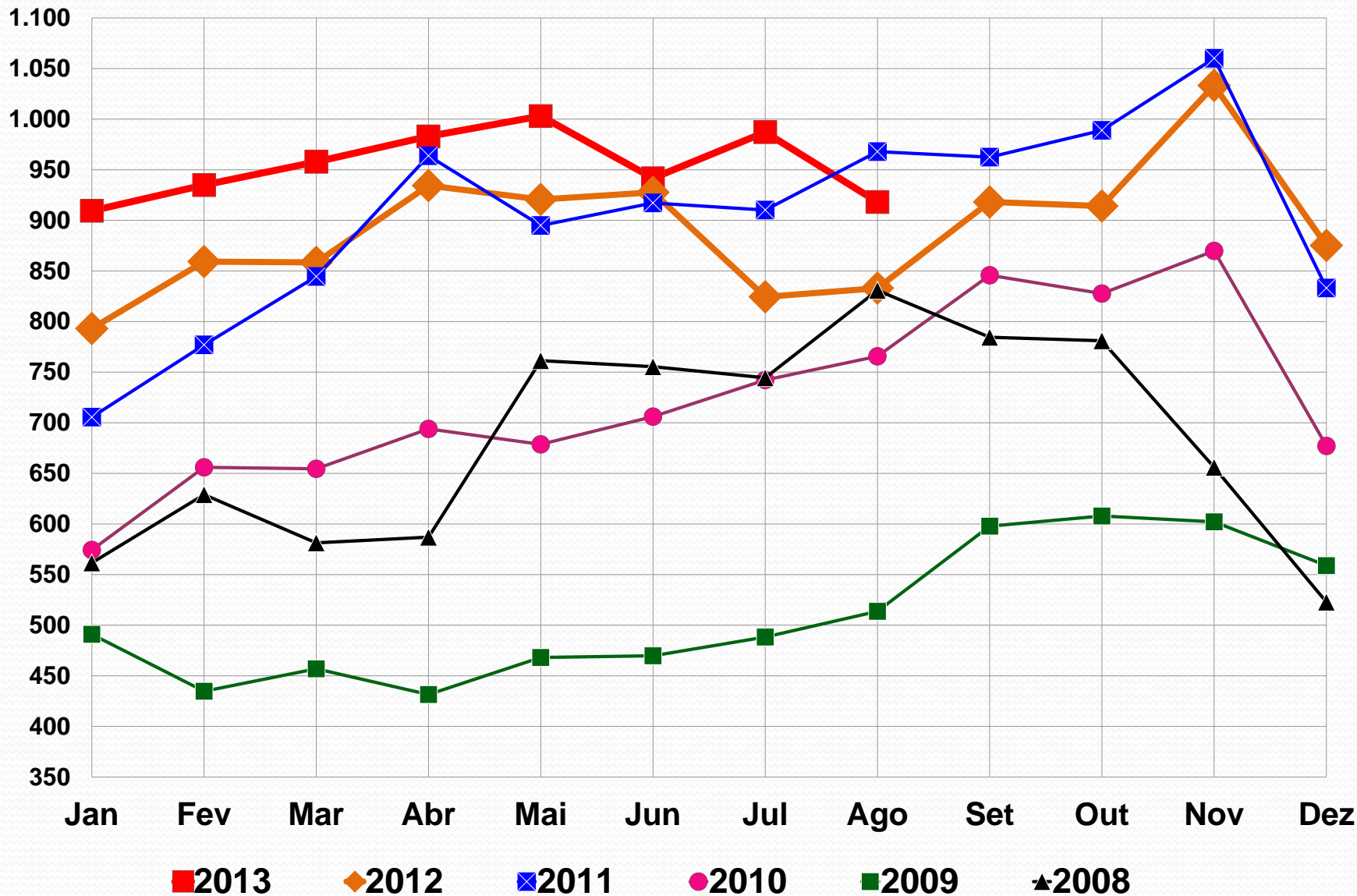
Exportação Mensal

Média diária – US\$ milhões FOB



Importação Mensal

Média diária – US\$ milhões FOB



Exportação Brasileira

Fator Agregado – US\$ milhões FOB

	Janeiro/Agosto		Var.% 2013/12 p/ média diária	Part. %	
	2013	2012		2013	2012
Básicos	74.975	76.620	-1,0	47,9	47,7
Industrializados	78.034	80.299	-1,7	49,8	50,0
. Semimanufaturado:	19.796	21.292	-5,9	12,6	13,3
. Manufaturados	58.238	59.007	-0,1	37,2	36,7
Op. Especiais	3.646	3.679	0,3	2,3	2,3
Total	156.655	160.598	-1,3	100,0	100,0

Fonte: SECEX/MDIC.

Janeiro-agosto/2013: 168 dias úteis; Janeiro-agosto/2012: 170 dias úteis

Destaques:

-**Básicos: aumento** => soja, milho, carne de frango e bovina e minério de cobre;
redução => petróleo;

-**Semimanufaturados: aumento** => açúcar, celulose, couros e peles; **redução** => semimanufaturados de ferro/aço e óleo de soja em bruto;

-**Manufaturados: aumento** => automóveis, plataforma, açúcar, etanol, motores para veículos; **redução** => óleos combustíveis e aviões.

Exportação Brasileira - US\$ milhões FOB
Por Fator Agregado - Com e sem petróleo e derivados

	Janeiro-Agosto		Var. % 2013/2012 p/média diária
	2013	2012	
Básicos	74.975	76.620	-1,0
Petróleo	7.077	14.130	-49,3
Demais	67.898	62.490	9,9
Manufaturados	58.238	59.007	-0,1
Derivados	2.935	4.050	-26,7
Demais	55.303	54.957	1,8

Nota: dias úteis do jan-ago => 168 (2013), 170 (2012).

Fonte: SECEX/MDIC.

Exportação Brasileira – Principais Blocos Econômicos

US\$ milhões FOB

	Janeiro/Agosto		Var.% 2013/12 p/média diária	Part. %	
	2013	2012		2013	2012
Ásia	52.105	49.620	6,3	33,3	30,9
. China	31.813	29.149	10,4	20,3	18,2
América Latina e Caribe	33.153	33.436	0,3	21,2	20,8
- Mercosul (2)	19.038	18.366	4,9	12,2	11,4
. Argentina	13.001	11.995	9,7	8,3	7,5
- Demais da AL e Caribe	14.115	15.070	-5,2	9,0	9,4
União Europeia	30.168	32.830	-7,0	19,3	20,4
EUA (1)	16.192	18.679	-12,3	10,3	11,6
África	7.152	7.620	-5,0	4,6	4,7
Oriente Médio	6.784	7.039	-2,5	4,3	4,4
Europa Oriental	2.796	2.805	0,9	1,8	1,7
Demais	8.305	8.569	-1,9	5,3	5,3
TOTAL	156.655	160.598	-1,3	100,0	100,0

Fonte: SECEX/MDIC.

Janeiro-agosto/2013: 168 dias úteis; Janeiro-agosto/2012: 170 dias úteis

(1) inclui Porto Rico.

(2) inclui Venezuela, a partir de agosto/2012.

Importação Brasileira por Blocos Econômicos

US\$ milhões FOB

	Janeiro/Agosto		Var.% 2013/12 p/média diária	Part. %	
	2013	2012		2013	2012
Ásia	48.623	46.353	6,1	30,3	31,4
. China	24.351	22.168	11,2	15,2	15,0
União Europeia	34.125	31.641	9,1	21,3	21,5
América Latina e Caribe	27.535	24.837	12,2	17,2	16,8
- Mercosul (2)	14.108	12.586	13,4	8,8	8,5
. Argentina	11.563	10.282	13,8	7,2	7,0
Demais da AL e Caribe	13.427	12.251	10,9	8,4	8,3
EUA (1)	23.957	21.486	12,8	14,9	14,6
África	11.506	9.793	18,9	7,2	6,6
Oriente Médio	5.263	4.856	9,7	3,3	3,3
Europa Oriental	2.424	2.288	7,2	1,5	1,6
Demais	6.986	6.195	14,1	4,4	4,2
TOTAL	160.419	147.449	10,1	100,0	100,0

Fonte: SECEX/MDIC.

Janeiro-agosto/2013: 168 dias úteis; Janeiro-agosto/2012: 170 dias úteis

(1) inclui Porto Rico.

(2) inclui Venezuela, a partir de agosto/2012.

- 2-

Qual é a estratégia de comércio exterior do Brasil?

Multilateralismo

A OMC e a Rodada de Doha

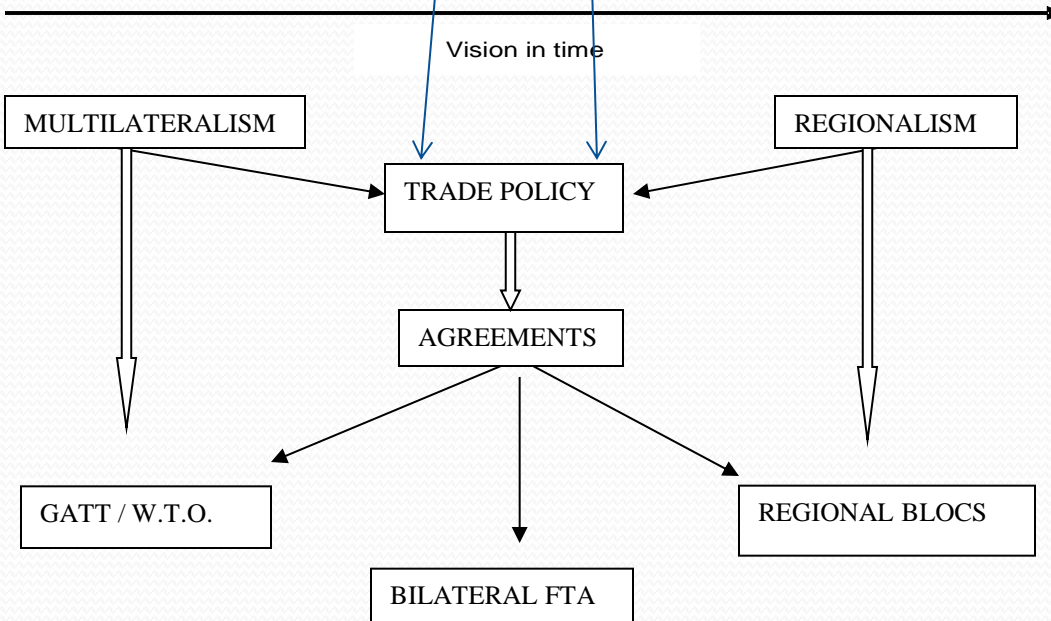
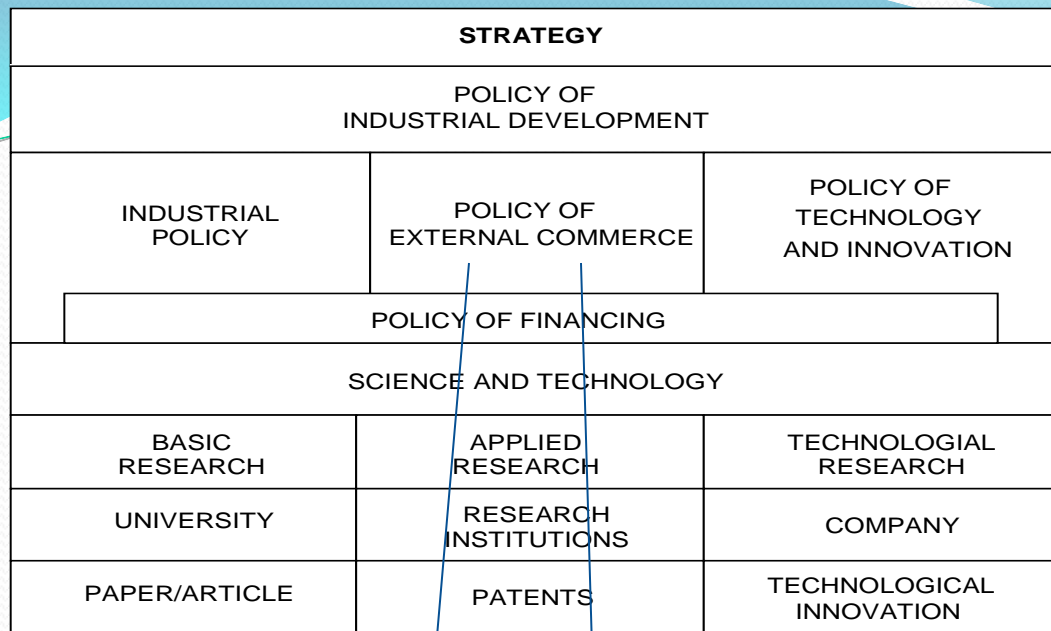
Protecionismo

FRAMEWORK TEÓRICO

INTERAÇÃO ESTRATÉGICA COM COMÉRCIO EXTERIOR.



Source: Elaborated by the author
(2011).



Source: produced by the author (2011)

A política de comércio exterior integra o conjunto das políticas industriais.

Neste raciocínio, a política de comércio exterior precisa discutir todos os temas a ela ligados, como blocos regionais, acordos bilaterais, etc.

Comércio Exterior: Campos de atuação

- OMC e a Rodada de Doha
- Multilateralismo
- Defesa e Protecionismo

3 - POLÍTICA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

Atores no processo de formulação da política

Processo de formulação da política

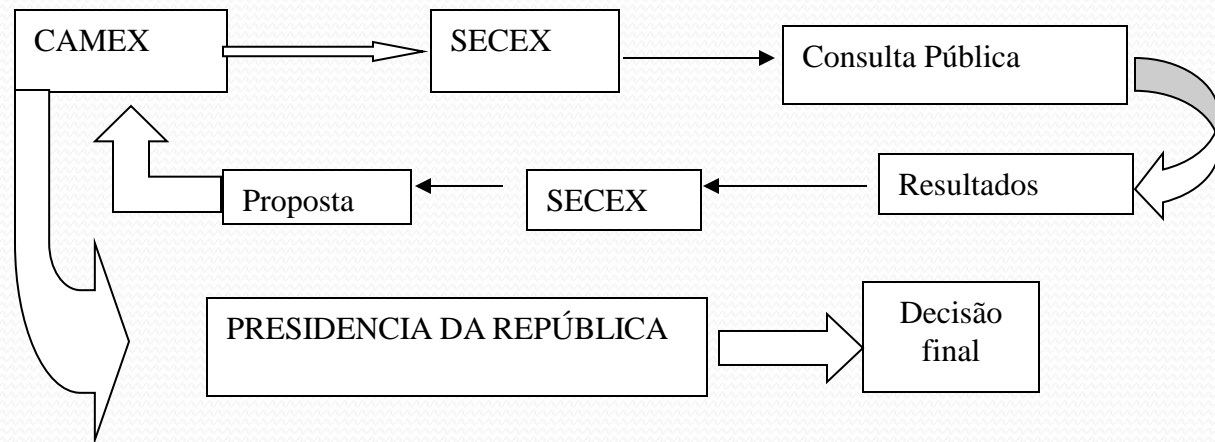
VISÃO PANORÂMICA

- 1 – Substituição de Importações (ISI)
- 2 – Liberação Unilateral – (Collor)
- 3 – A Taxa do Dólar e o Comércio Exterior
- 4 – Brasil como exportador de Commodities
- 5 – O Processo Decisório
- 6 – O sistema de negociação do Brasil.
- 7 – O Processo Brasileiro de formulação da política de comércio exterior.

Atores no Processo de Formulação da Política de Comércio Exterior

- a) Presidencia da República
- b) CAMEX – Câmara de Comércio Exterior: O Conselho de Ministros
 - MDIC
 - Casa Civil;
 - Itamaraty;
 - Ministro da Economia;
 - Ministro da Agricultura;
 - Ministro do Planejamento;
 - Ministro da Reforma Agrária.
- c) SECEX – Secretaria de Comércio Exterior
- d) APEX BRASIL –
- e) Iniciativa Privada.

Processo de formulação da Política de Comércio Exterior.

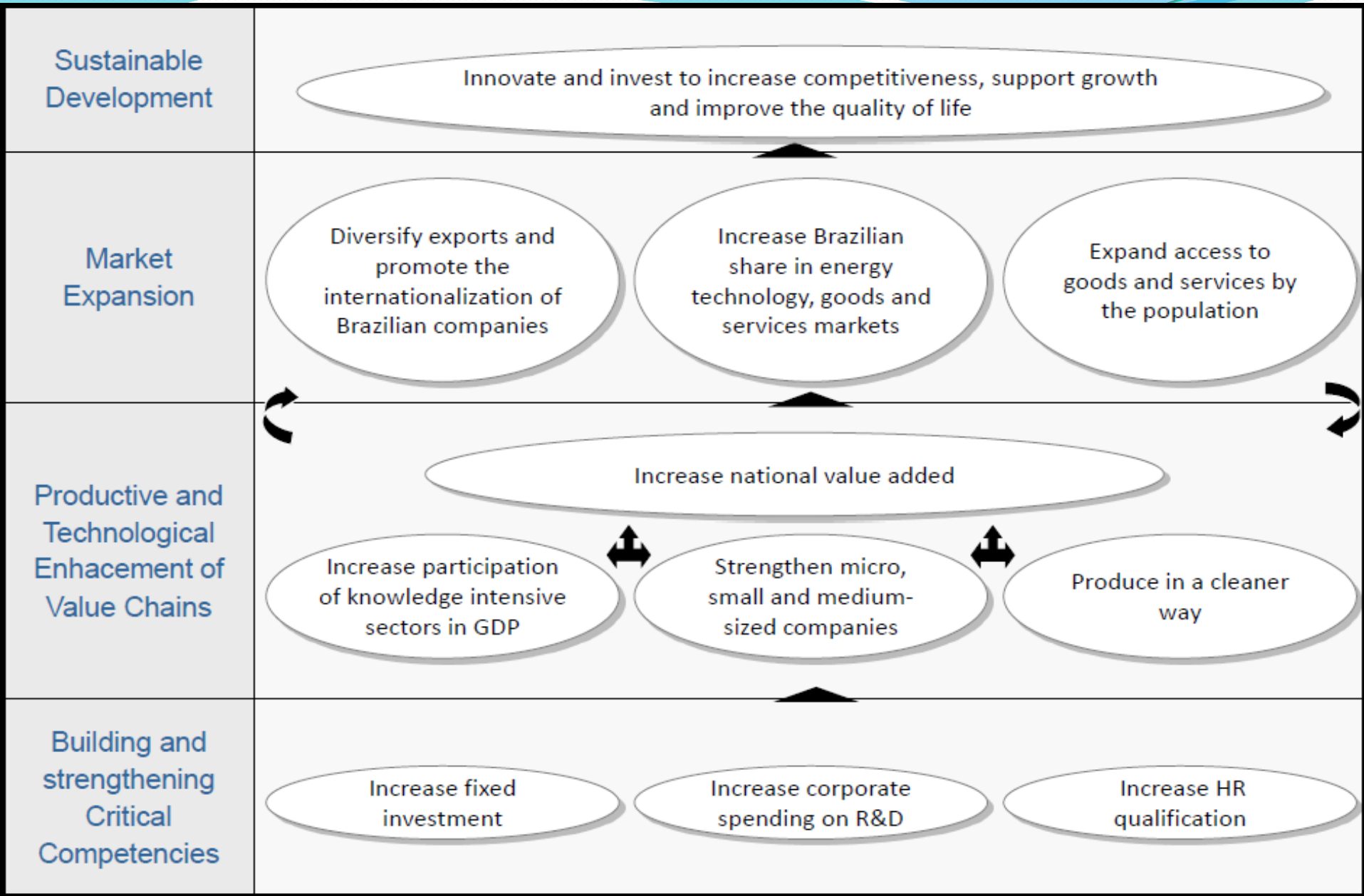


Source: Elaborated by the author (2012), based on interview with Brazilian Government Officials.

Processo de formulação da política

- O Processo de formulação da política de comércio exterior é dinâmico e há muitos atores envolvidos.
- O processo de formulação da política de comércio exterior inclui consulta pública, o que toma longo tempo e aumenta a pressão do setor privado.
- O Setor agrícola exerce forte pressão e direciona uma série de ações do governo nos fóruns internacionais, por conta de sua participação no PIB;

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS – Plano Brasil Maior



4 – O BRASIL E O MERCOSUL

IMPORTÂNCIA
RELAÇÕES POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS
VOLUMES COMERCIALIZADOS

4- O BRASIL E O MERCOSUL

- Mercado comum do Sul, fundado em 1991
- União aduaneira
- Postura dos países membros
- O Brasil representa 75% do bloco;

Exportação para o MERCOSUL, por países membros, em dados anos – 1991, 1997, 2011 - % do total.



Fonte: The Economist, July 14th, 2012. Disponível na internet:
<http://www.economist.com/node/21558609>

5 - COMÉRCIO INTERNACIONAL

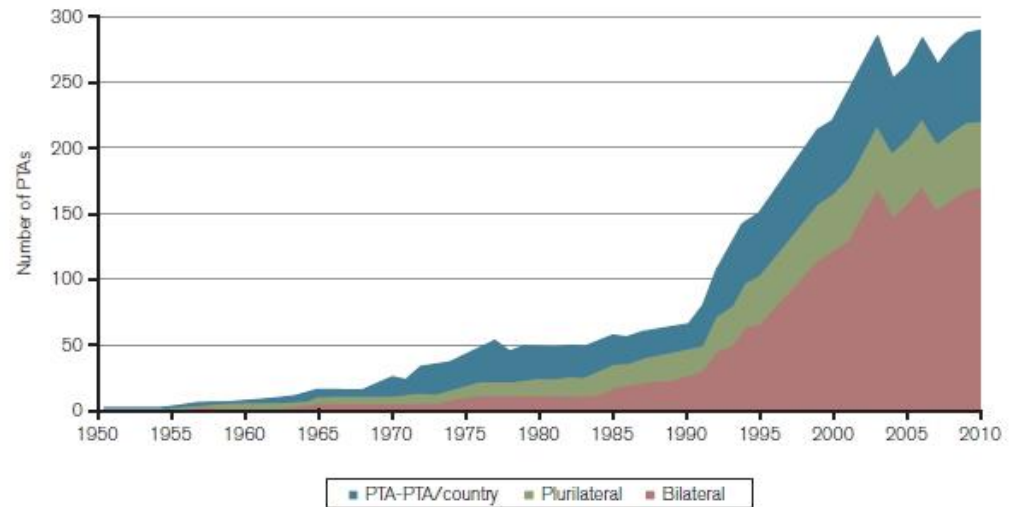
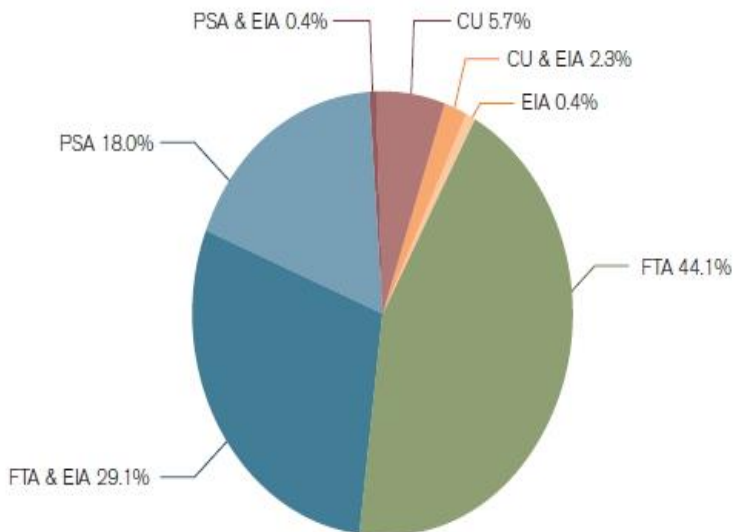
ACORDOS INTERNACIONAIS
CENÁRIO ATUAL
TENDÊNCIAS

Number of bilateral PTAs and types of plurilateral PTAs in force, 2010

	Bilateral	Plurilateral	Plurilateral; at least one party is a PTA
Developed-Developed	6	9	8
Developed-Developing	29	6	41
Developing-Developing	135	36	18
Intra-regional	81	39	26
Cross-regional	89	12	41

Figure 5.1 – Cumulative number PTAs in force, 1950-2010, notified and non-notified PTAs.

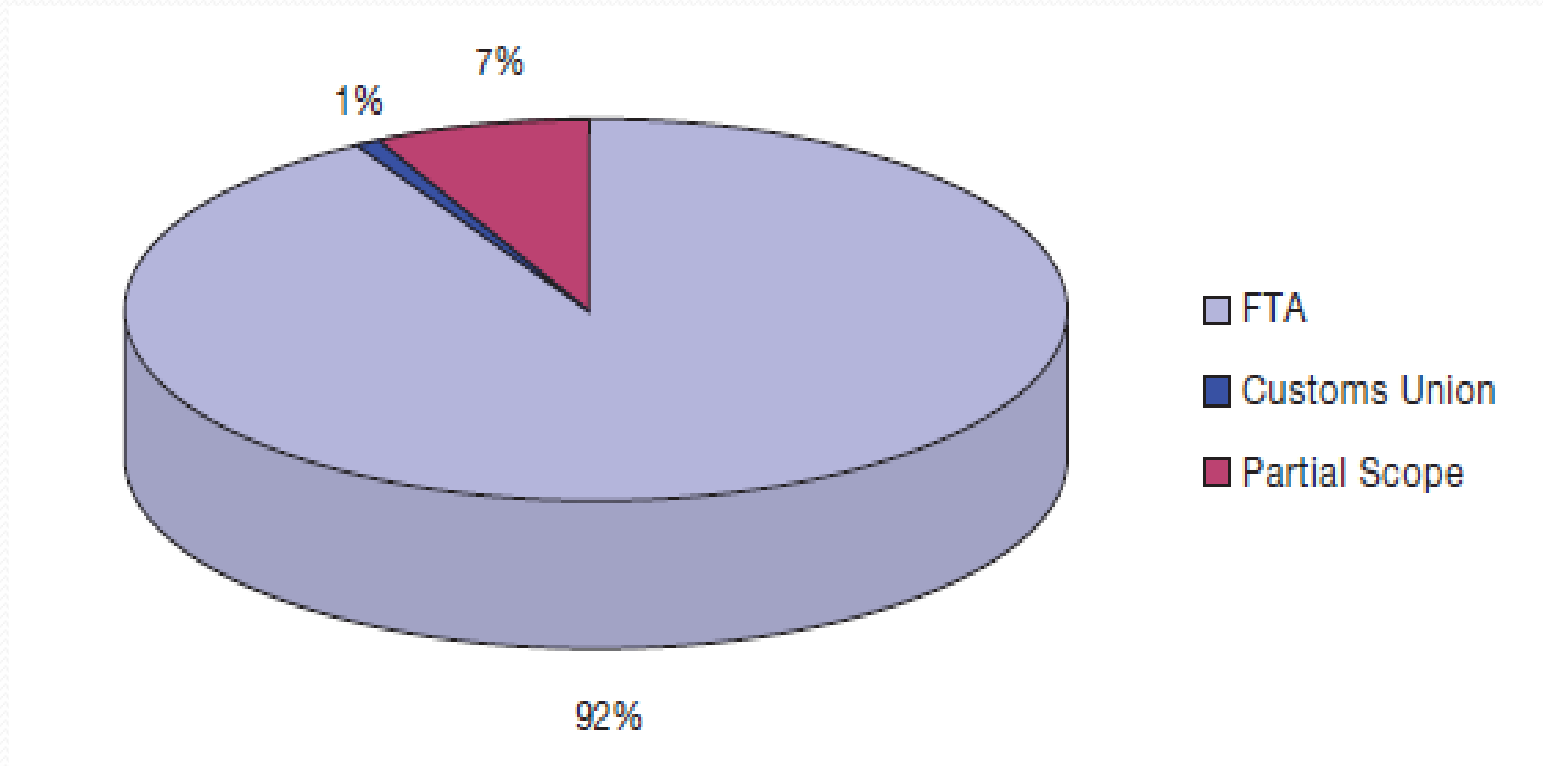
Type of PTA in force - 2010



Note: "Bilateral" PTAs consist of two parties only, "plurilateral agreements" of three or more. The category "PTA-PTA/country" denotes PTAs, where an existing PTA has engaged in an agreement with another country, including through accession, or with another existing PTA.

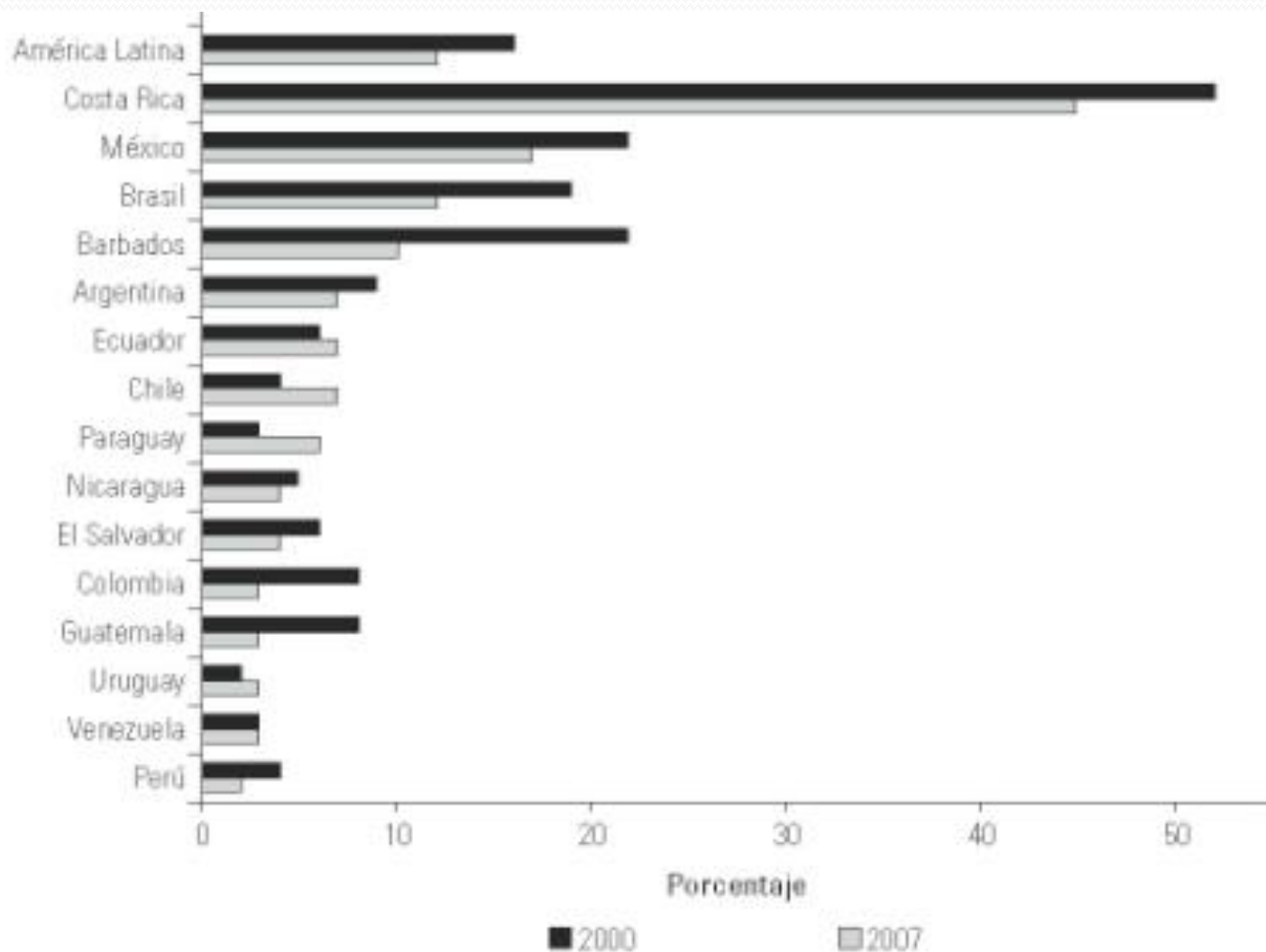
Source: WTO Secretariat.

Acordos Regionais de comércio assinados, sob negociação e propostos até Dezembro 2006, por tipo de acordo.



Fonte: FIORENTINO, VERDEJA & TOQUEBOUEUF, 2007, p. 6.

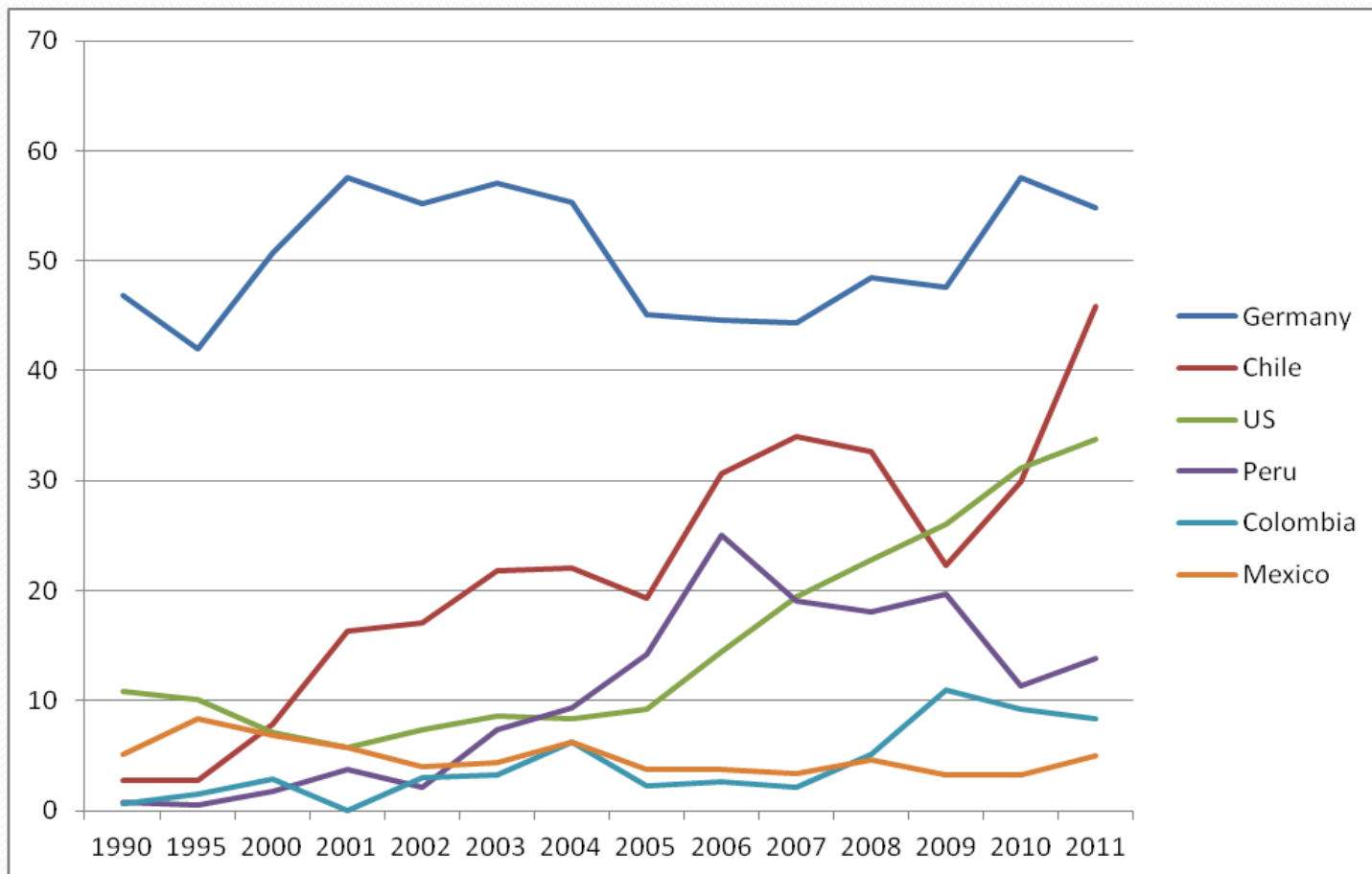
Exportação com alta tecnologia como percentual do total da exportação de manufaturados – 2000 e 2007.



Fuente: Banco Mundial (2009g).

Fonte: IDB, 2010, p. 240.

Gráfico da participação de produtos básicos no total exportado para países selecionados, em % - 1990 a 2011.



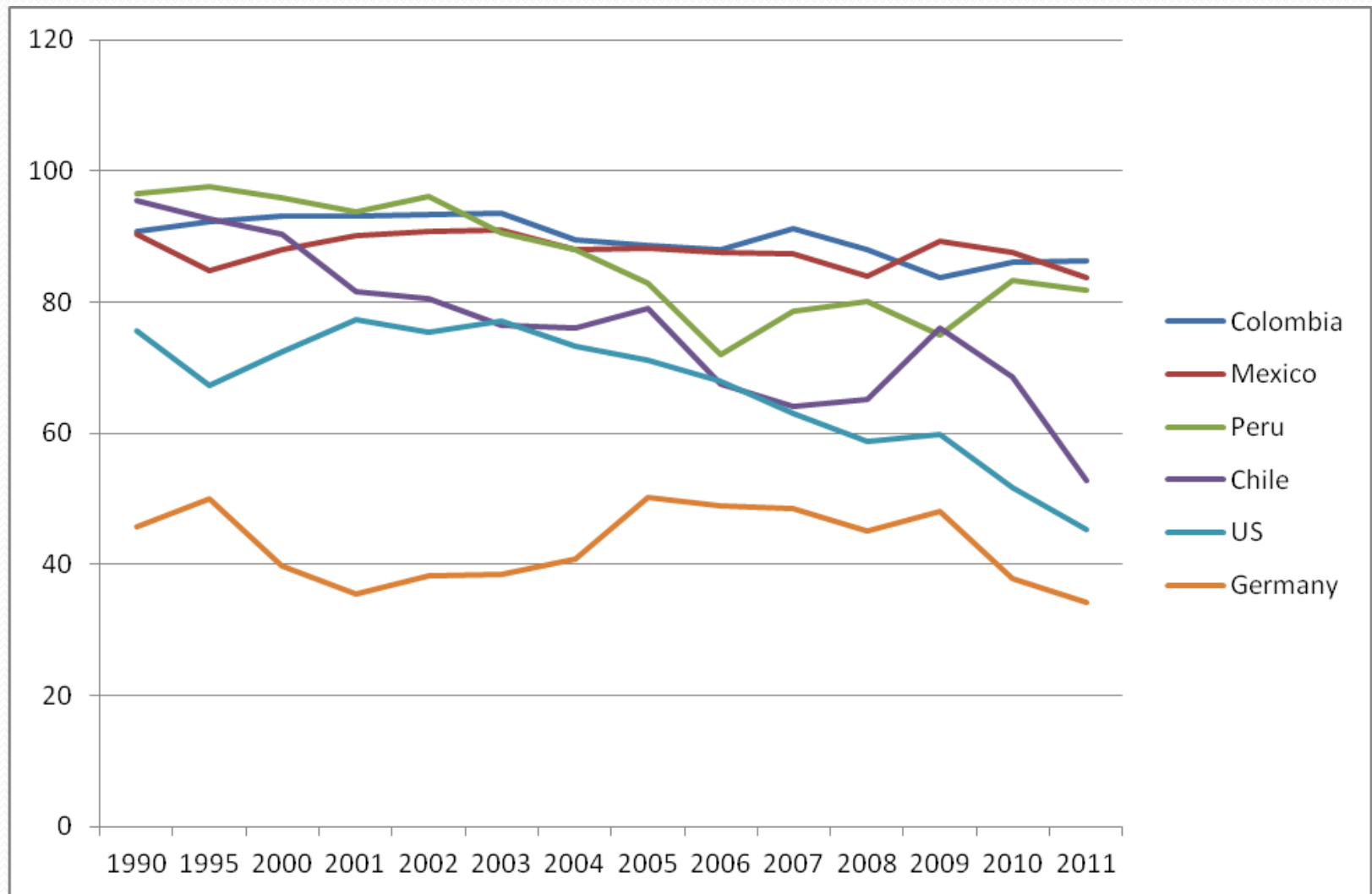
Source: Elaborated by the author with data from AEB (table 5.3), 2012.

Participação dos manufaturados no total exportado para países selecionados. % - 1990 a 2011.

PAÍSES	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Colombia	90.7	92.3	93.2	93.2	93.4	93.5	89.5	88.7	87.9	91.2	88	83.7	86	86.3
Mexico	90.3	84.9	87.9	90.2	90.7	91	88.1	88.2	87.6	87.3	84	89.2	87.5	83.7
Peru	96.5	97.7	96	93.7	96.1	90.6	88.1	82.8	72	78.7	80	74.9	83.4	81.9
Chile	95.4	92.8	90.4	81.6	80.5	76.5	76	79.1	67.6	64	65.2	76.1	68.5	52.7
US	75.7	67.2	72.4	77.4	75.5	77.2	73.3	71.2	67.9	63.1	58.7	59.8	51.6	45.3
Germany	45.7	49.9	39.8	35.5	38.3	38.4	40.9	50.2	49	48.6	45.1	48	37.8	34.2

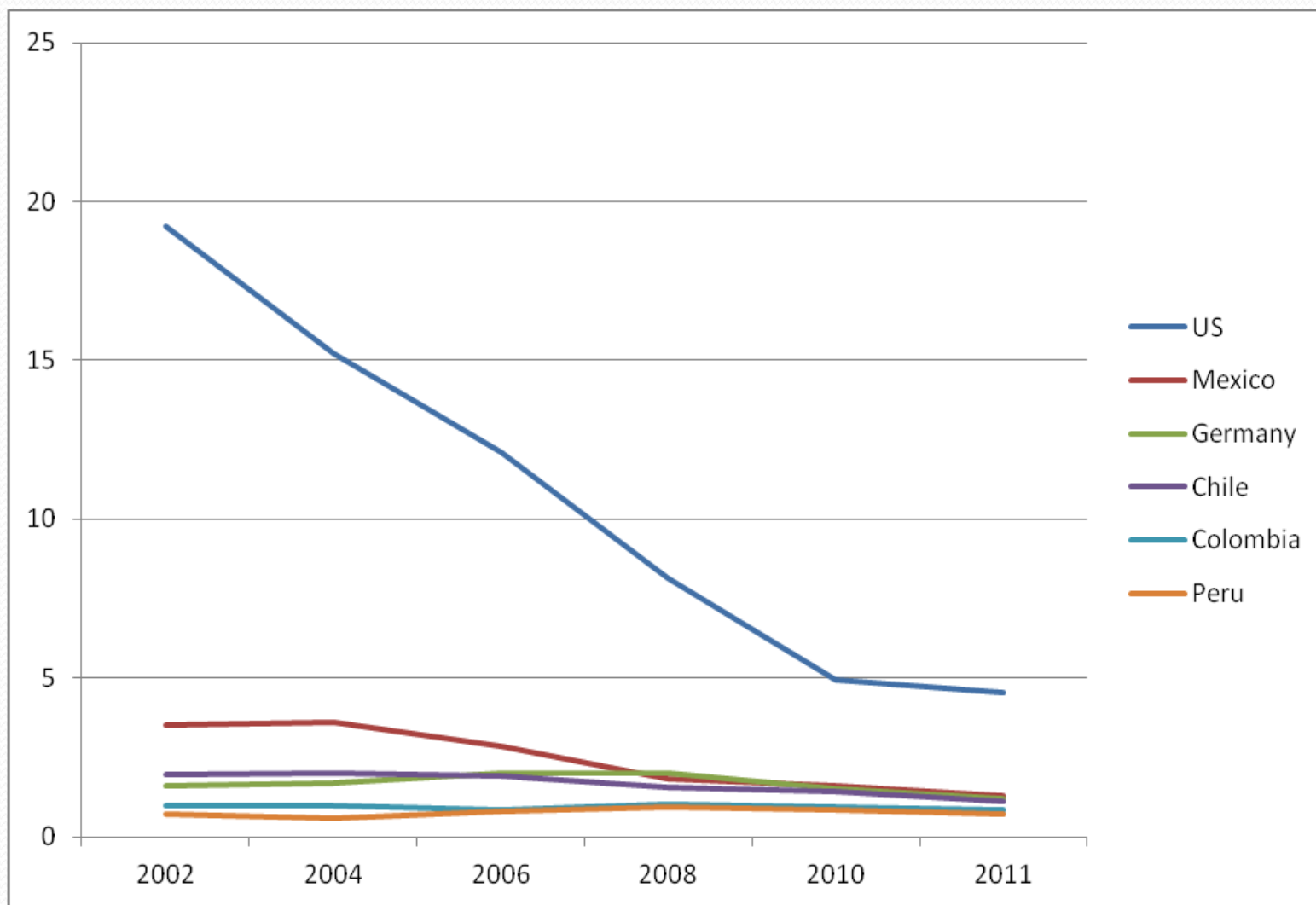
Source: Associação de Comércio Exterior do Brasil, 2012, p. 20

Gráfico da participação de manufaturados no total exportado para países selecionados - % - 1990 a 2011.



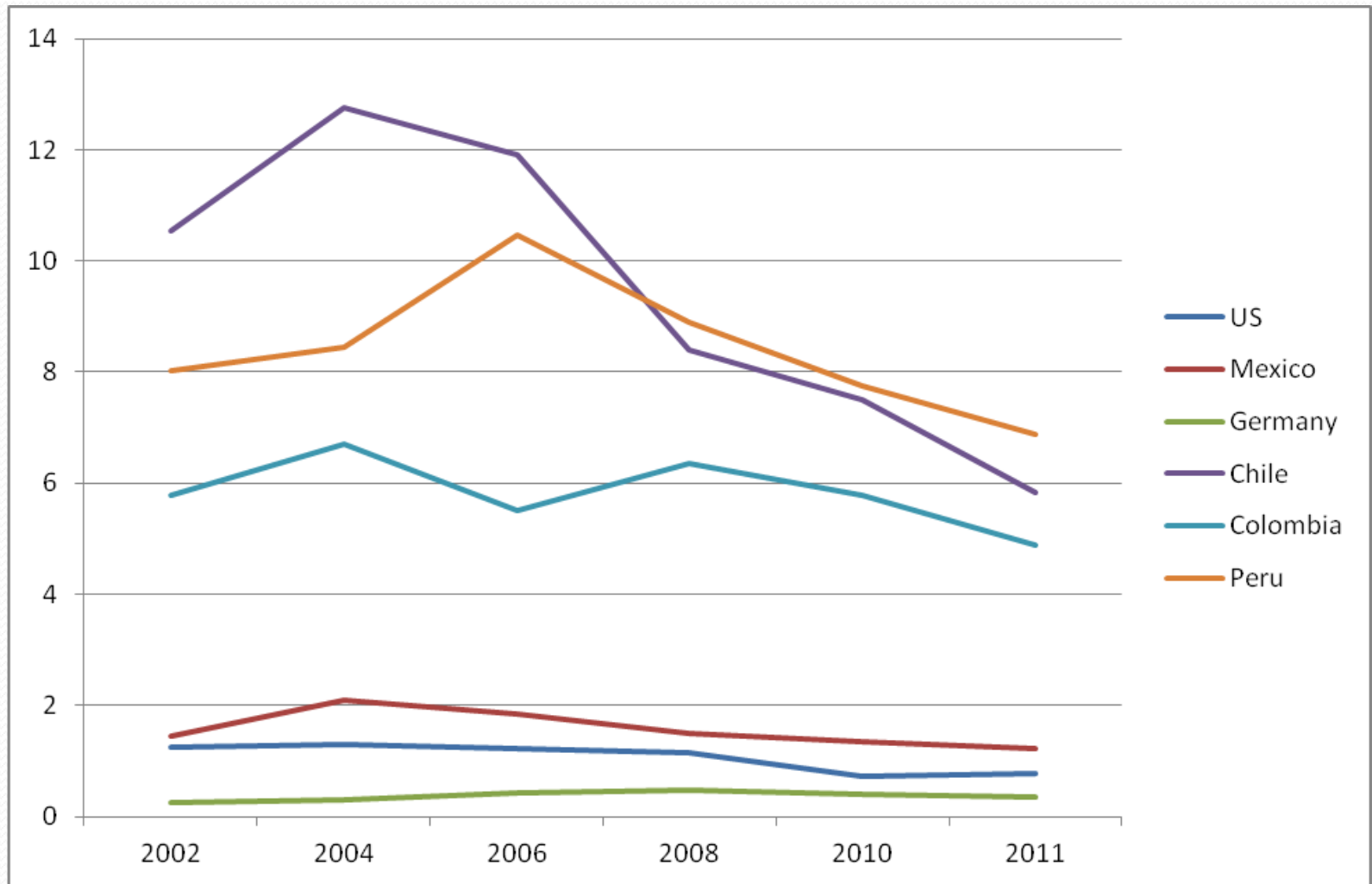
Source: Elaborated by author, with data from AEB, 2012 (table 5.4).

Destinação da exportação brasileira de manufaturados para países selecionados - % - 2002 a 2011.



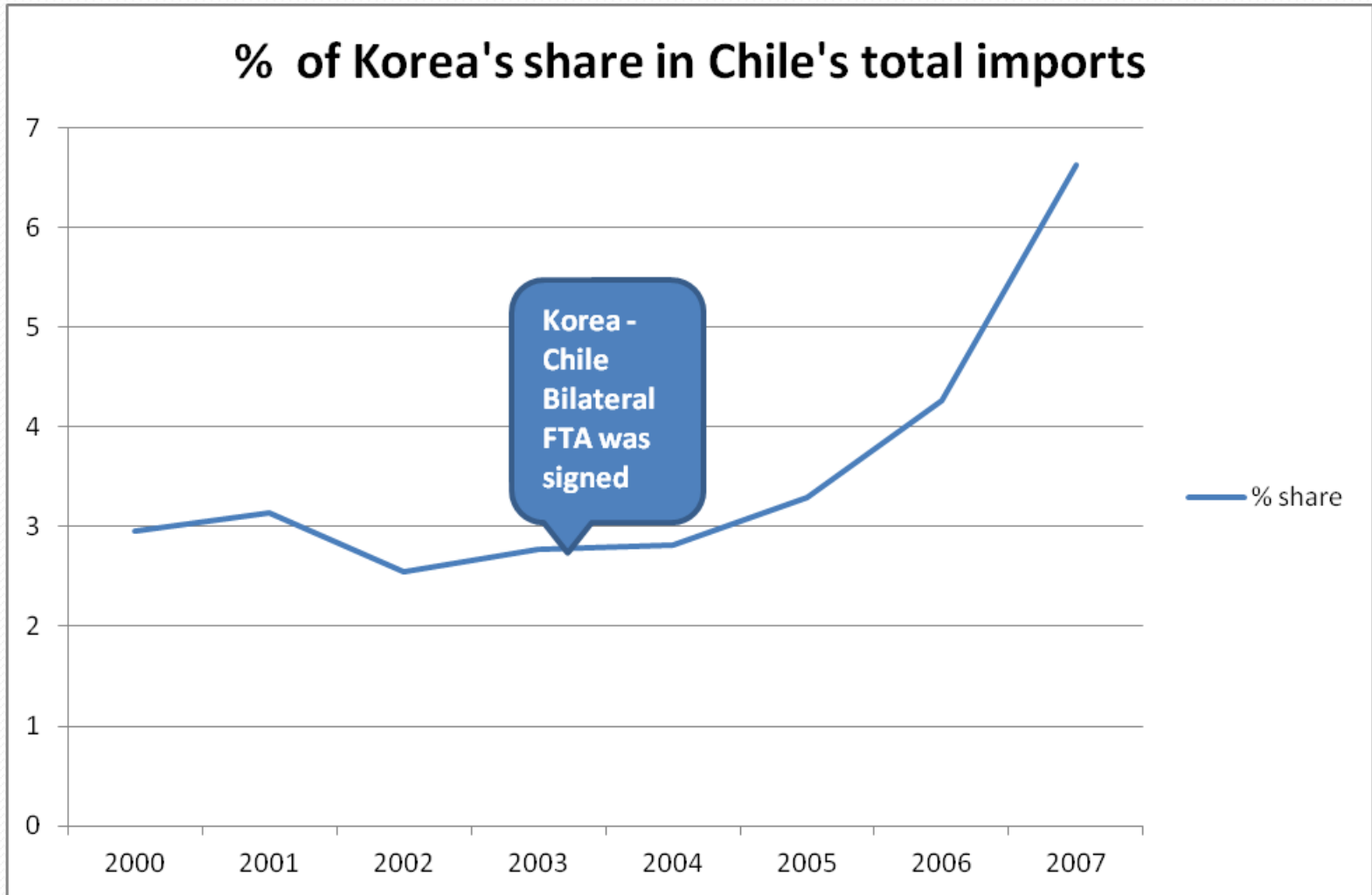
Source: Elaborated by the author with data from AEB, 2012 (table 5.5).

Participação brasileira na importação de manufaturados de países selecionados - % - 2002 a 2011.



Source: elaborated by the author with data from AEB (2012) and WTO (2012).

Participação da Coréia do Sul no total importado pelo Chile - % - 2000 a 2007.



Source: Elaborated by the author, with data from Chilean Embassy to Korea, 2008, p.1

Considerações Finais

- 1 - O Brasil não tem um plano estratégico de longo prazo em termos de comércio internacional. O processo de formulação da política não se subordina a uma estratégia de longo prazo.
- 2 – Existe uma tendência global de aumento dos acordos bilaterais de livre comércio assinados nos últimos anos. É preciso mudar a estratégia brasileira rapidamente sob pena de sofrermos um duro revés na venda de manufaturados no mercado externo nos anos vindouros.
- 3 – Se faz urgente repensar o MERCOSUL. De União aduaneira para Zona de Livre Comércio;
- 4 – O Brasil atua mais no lado do protecionismo do que no lado da competitividade. É importante refletir sobre o tema, tendo presente que o mercado interno é finito e a competição dos importados é crescente.

Muito Obrigado

Luis Felipe Maldaner

Felipe.maldaner@badesul.com.br